

RESENHA BIBLIOGRÁFICA¹. DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 1º Reimpressão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

Antonio Geraldo da Silva Sá BARRETO

Licenciado em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade do Estado da Bahia

E-mail: agssab@yahoo.com.br

Este livro é composto por uma coletânea de textos de vários autores organizados por Juarez Dayrell e que abordam a liberdade e refletem sobre a ação pedagógica sob vários aspectos.

Esta obra constitui-se de três blocos sendo que o primeiro é inaugurado pelo trabalho: **A crise dos paradigmas em antropologia**, cujo autor, Pierre Sanchis, vale-se da citação de exemplos de hábitos característicos de povos distintos para trazer à tona a questão-chave da antropologia, a busca de uma resposta ao questionamento do Eu frente às diferenças apresentadas pelo Outro, fazendo um relato histórico de marcantes momentos do encontro de civilizações e, desta forma, situações em que revelou-se a posição entre o Nós e o Outro. Nesse sentido, o autor, ao discorrer sobre o uso de um grupo como objeto de estudo, atenta para o fato de o antropólogo que partilha de um recorte do universo social montado por seus semelhantes, defrontar-se com padrões sociais não necessariamente iguais aos seus, e alicerçando o decurso das ciências sociais na descoberta da suspeita sobre a universalidade de "nossos" paradigmas cujas crises são pontuadas pelo autor, o qual lhes atribui a transformações políticas das condições do trabalho de campo e, ao suscitar críticas ele sinaliza para um antropólogo pós-moderno cuja característica básica é a assunção da dimensão política de seu encontro com o Outro.

O segundo artigo que compõe o primeiro bloco de textos é intitulado **Diversidade cultural: inclusão, exclusão e sincretismo**, cuja autora, Paula Monteiro, faz uma breve explanação sobre a escolha das palavras constituintes do título, além de tratar a diversidade cultural como um elemento presente em nosso meio cuja consciência revela uma série de dilemas. A autora explicita o fato de que as diferenças culturais traduzem-se em problemas consoante o empenho das pessoas no intuito de integrar um todo uniforme, além disso, Monteiro (1999) relata exemplos onde à conjuntura político-econômica revela-se como moldura das diferenças culturais apontado para a presença e o caráter estimulador da diversidade na produção teórica da antropologia, ciência na qual ela assume um lugar na explicação dos fatos. A autora aborda dois pontos de vista, cercados de dilemas, que permeiam o debate da diversidade: o racionalista e o relativismo cultural. Quanto a relatos de experiência, Monteiro (1999) apresenta o trabalho missionário da Igreja Católica agindo através de um processo denominado inculturação o qual é o oposto da aculturação por ela empregada no período colonial, e o projeto de cidadania cultural realizado pela administração petista da cidade de São Paulo, em 1989, objetivando a adequação dos princípios da democracia à diversidade cultural dos indivíduos, experiências que a autora analisa como uma busca de uma cultura cristã transnacional pela Igreja Católica e, a redução da diferença ao patamar de desigualdade social, no trabalho petista.

O segundo bloco de textos é aberto pelo trabalho **“Construindo pontes: a prática etnográfica e o campo da educação”** de autoria de Tânia Dauster. Neste artigo, é apresentada uma experiência de análise dos conflitos na relação escola e trabalho em uma favela carioca, buscando a compreensão do fracasso escolar a partir da visão das crianças daquela comunidade sobre escola e trabalho, sendo a primeira apontada como responsável

¹ Atividade apresentada na disciplina EDC 960 - Estágio de Biologia, ministrada pela professora Valdecí dos Santos, no semestre 2002.1, UNEB / Campus II - Alagoinhas.

pela alfabetização e profissionalização dos indivíduos ao passo que o trabalho é, antes de uma necessidade econômica, um compromisso social. A seguir a autora discorre sobre a necessidade de descentralizar-se as abordagens no exame de relações, afirmando que a escola deve assumir a individualidade de seus alunos, respeitar a diversidade de culturas e experiências mediando seu encontro, de sorte que seja reduzida a distância entre ela própria e o universo dos alunos.

O texto seguinte, escrito por Regina Mota, intitulado "**Tecnologia e informação**" é uma abordagem sobre o papel das tecnologias de informação no processo educacional, as quais produzem mudanças na percepção e na cultura. A autora atenta, com muita propriedade, para o fato que a aplicação dos recursos tecnológicos requer a observância de três aspectos: poder/saber acessar a informação, fato determinado por regras que contemplem a equidade de acesso; selecionar a informação, aspecto salutar, se considerada a variedade de mensagens disponíveis e; poder/saber usar/reciclar a informação, pois além da percepção é necessária a criatividade no uso da informação.

O artigo "**Religião, escola e os problemas da sociedade contemporânea**" de autoria de Ana Lúcia Modesto traz uma reflexão acerca do papel da religião na construção da identidade, através de um retrospecto ao período da III República Francesa quando o poder de transmissão de cultura, até então característico da Igreja, é legado à educação. A seguir a autora relata o reavivamento do sentimento religioso na atualidade e o diagnóstico de que a escola ocupa-se exclusivamente do preparo de profissionais e não de cidadãos, a qual promove a circulação do indivíduo por diferentes concepções de mundo levando-o a uma crise de identidade, a qual, segundo Modesto (1999) é tratada pela Igreja através de seu caráter integrador, no consentimento da existência da coletividade e da percepção de si, simultaneamente, atuando na formação humana, através da ordenação dos fatos apresentados pelo mundo e da construção de mensagens segundo da realidade dos indivíduos.

A autora Nilma Lino Gomes em seu trabalho "**Escola e diversidade étnico-cultural: um diálogo possível**" sinaliza para as novas dimensões sob as quais deve-se pautar o estudo da educação e sociedade, destacando a necessidade de reconhecer a escola como espaço da diversidade étnico-cultural e compreender a importância da cultura produzida por diversas etnias, respeitando a sua identidade. Neste sentido, Gomes (1999) explicita a ausência de referenciais da luta e resistência do povo negro nas abordagens educacionais e, a urgência de estratégias pedagógicas que contemplem as necessidades das comunidades negras. Além disso, a autora propõe que o debate sobre a questão racial e as demandas históricas sejam, respectivamente, implementadas na formação de professores e nos debates sobre educação e movimento sociais, bem como que raça seja definida como elemento formador da sociedade.

No trabalho "**A educação indígena: as relações entre cultura e identidade**", Ailton Krenak, parte do relato da tomada do território de tribos Pataxó e Krenak, em Minas Gerais para refletir sobre o fato de que os índios dispõem-se a cooperar na sociedade porém, a sua realidade é tratada como a realidade de pequenas etnias postas à margem das decisões e relegadas ao desconfortável papel de vítima. Quanto à este conflito entre diversidades culturais, o autor explana acerca da imposição de uma cultura hegemônica às tradições indígenas, a pretexto de interesses econômicos. Ao apresentar a identidade cultural indígena, Krenak aponta para a importância de um modelo educacional cuja organização dos elementos básicos que o compõe fiquem à cargo da comunidade indígena pois, percebe-se que a importação de valores através da escola promove a perda da identidade experimentada nas relações sociais indígenas.

No texto "**Juventude: crise, identidade e escola**", a sua autora, Marília Pontes Sposito, enfatiza os processos sociais traduzidos na temática do fracasso escolar aliada ao enfoque político então presente na análise do sistema educacional, como silenciador do tema juventude do circuito das discussões pedagógicas. Chegando a década de 80, quando a mídia, juntamente, com a descoberta das múltiplas relações estabelecidas em sala de aula e o resgate dos sujeitos como entes capazes de orientar e agir na coletividade, reintroduzem a temática do

jovem no círculo das ciências sociais. Após este retrospecto, Sposito (1999) afirma que a definição de juventude deve ser caracterizada histórica e socialmente além de relatar que esta é uma fase em que o indivíduo necessita, simultaneamente, percebe-se semelhante e diferenciar-se dos membros de seu grupo, este é um momento em que deve cuidar-se, segundo a autora, para que os estereótipos não revista-nos de preconceito e paralisem-nos, Sposito (1999) trata a juventude como o afloramento da sociabilidade a qual é manifestada mais comumente nas relações estabelecidas na rua, revelando a necessidade de a escola oferecer-se como incubadora da sociabilidade dos jovens, valendo-se inclusive, do conflito de gerações na oferta de possibilidades de mudanças.

O texto "**O mundo do trabalho e a construção cultural de projetos e homem entre jovens favelados**" de autoria de Suzanna Lanna Burnie Coelho traz dados etnográficos de jovens trabalhadores desqualificados de uma favela analisando o significado do universo do trabalho e da profissionalização e partindo da construção de projetos de futuro diferenciados. A autora faz um breve relato da trajetória do jovem desde a infância, momento conflituoso em que a mãe decide ingressar no mercado de trabalho para adiar o ingresso de seu filho ou, forçada pelas condições econômicas vê-se obrigada a disponibilizar seu filho para o trabalho, este, porém, começa a preocupar-se com a qualificação profissional apenas a partir da adolescência e justamente, segundo Coelho (1999), a escola somente é contemplada pelo jovem se estiver articulada á qualificação, sendo que os indivíduos não qualificados optam por um de três caminhos: a submissão a condições precárias de trabalho, o ócio ou o ingresso no crime organizado onde sua identidade é afirmada. Desta forma, o texto traz-nos uma reflexão sobre as relações estabelecidas pelo jovem no mercado de trabalho atentando para o papel da sociedade e da escola na entrada do jovem nesta classe de relações.

O terceiro bloco de texto é inaugurado por Luciano Mendes de Faria Filho que, em seu artigo "**Conhecimento e cultura na escola uma abordagem histórica**" discorre a respeito da escolarização, conhecimentos escolares e sua relação com a cultura tendo como cenário a construção da rede de escolas públicas de Belo Horizonte. No texto, o autor relata o fato que esta cidade mineira foi arquitetonicamente planejada, de sorte que fossem dispensadas escolas, estas ocorriam apenas como iniciativas populares onde a cultura escolar pouco diferenciava-se da cultura popular, e sob as quais o governo não exercia controle, copiando, inclusive, seu modelo, na implantação das primeiras escolas estatais. Quando a educação surge como um elemento importante para a superação da crise da república, surgem os grupos escolares, espaços físicos onde segundo a determinação do estado deve-se operar: a inspeção dos professores; a transformação em diferentes aspectos da população e a socialização de conhecimentos que primem pela inserção urbana, trabalhista e política do indivíduo. Desta forma, o novo sistema subtrai a autonomia dos professores que devem então, seguir regras, distanciando a cultura escolar da cultura da população e destacando-se a luta de professores no sentido de escolarizar conhecimentos e cultura, através de trabalhos plurais e criativos .

O artigo "**A escola com espaço sócio cultural**" autoria de Juarez Dayrell é uma reflexão de escola como um ambiente onde confrontam-se uma organização oficial e os anseios pessoais de seus sujeitos. O autor aborda a tendência da escola em considerar toda sua clientela como um público homogêneo para justificar a homogeneidade de sua ação excluindo a diversidade elaborada por seus alunos, além de abordar a vertente segundo a qual os sujeitos são compreendidos em suas diferenças e vivências e que admite a educação inserida no cotidiano das relações sociais. Em seguida, o autor afirma que os significados da instituição escolar são diferentes para cada um de seus sujeitos, neste sentido, a organização do espaço físico escolar apesar de caracterizar uma concepção educativa, é passível de ser recriada e resignificada pela comunidade escolar ampliando ou limitando as relações sociais e pedagógicas. Dayrell (1999) também faz o relato de uma aula onde ficam marcados os preconceitos presentes nos sujeitos ali inseridos bem como, a forma através da qual o cotidiano escolar e o conhecimento relacionam-se ressaltando a necessidade de compreender a

escola como espaço onde convivem diversidades que devem ser assumidas e tratadas como um elemento desencadeador do processo educativo.

Márcia Spyer em seu trabalho intitulado "**A questão da identidade étnica na sala de aula: a cultura indígena**" vale-se de aspectos complementares para iniciar a sua reflexão sobre o debate étnico na sala de aula: a reação dos alunos frente a uma manifestação cultural desconhecida por eles, a contribuição dos livros didáticos, permeados por uma ótica européia, na construção de nosso imaginário acerca do elemento indígena e a sua vivência pessoal quanto àquilo que ela aprendeu dentro e fora da escola sobre o índio. Nesta reflexão, faz-se presente ainda o relato de uma experiência de construção de uma escola gerida e regida pelos povos indígenas o que levou a autora a refletir sobre três aspectos relacionados à prática educativa: a identidade cultural brasileira é construída a partir da contribuição de diversas etnias; a necessidade de perceber as diferenças do Outro e; a urgência em trabalhar a questão étnica na sala de aula sem atribuir rótulos às etnias.

O artigo "**Prática do racismo e formação de professores**" de autoria de Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é aberto pela exposição de práticas racistas aceitas e firmadas cotidianamente, passando, inclusive, pela sala de aula, sendo que a autora revela que ali as práticas ditas não-racistas são, na realidade, a negação da condição étnico-cultural própria do indivíduo. Em seguida, a autora faz uma breve explanação do que é necessário para a construção de um educador pautado em práticas anti-racistas, através da sugestão de um referencial teórico, da formação de um currículo que reconheça o legado africano à cultura brasileira e de cursos de formação de professores baseados na variedade e interdisciplinaridade de consultas à fontes de informação, na aproximação à entidades negras e na análise e sugestão de propostas pedagógicas, sendo que todos estes passam pelo reconhecimento da identidade étnica do povo negro .

O último artigo desta obra é intitulado "**Os professores como sujeitos sócio-culturais**" de autoria de Inês Castro Teixeira trata-se, de início, de uma abordagem histórica da figura do educador como um ser em permanente construção e que possui um acervo vivencial que contribui para a sua constituição enquanto sujeito sócio-cultural. Este é definido pela autora como ente dotado de: corporeidade, vivências, sociabilidade, linguagens múltiplas, espacialidade, concreticidade, pluralidade, ética e ação, sendo que, a distinção entre o sujeito sócio-cultural e o sujeito sócio-cultural professor é regida pela relação professor-aluno, pelas marcas da escola na condição professor e pelo determinante tempo em sua vida. Neste sentido, Teixeira sinaliza a necessidade de admitir-mos estas características ao analisarmos o educador - ser dotado de vivência e relações sociais que contribuem para sua formação.

Como citar:

BARRETO, Antônio Geraldo da Silva Sá. Resenha bibliográfica - DAYRELL, Juarez (Org.). Múltiplos olhares sobre educação e cultura. In: **Revista Metáfora Educacional** (ISSN 1809-2705) – versão *on-line*, n. 1 (jan. - jun. 2005), Feira de Santana, jun./2005. p. 71-74. Disponível em: <<http://www.valdeci.bio.br/revista.html>>. Acesso em: DIA mês ANO.